

## Capítulo 5

# INFECÇÃO PÓS-COITO – A CORRELAÇÃO ENTRE A CISTITE FEMININA E A MICÇÃO

JORDANNE LOPES CORDEIRO<sup>1</sup>

ANA BEATRIZ MESQUITA MARQUES DE ARAÚJO FARIA<sup>2</sup>

VINICIUS NOGUEIRA XISTO VIEIRA<sup>2</sup>

RAPHAEL ULHOA FLORÊNCIO DE MORAIS<sup>2</sup>

TAMIRES RODRIGUES TOQUETON<sup>3</sup>

LUIZ AUGUSTO GERMANO BORGES<sup>4</sup>

BARBARA CARDOSO PARONETO<sup>5</sup>

ANDRÉA MENDES SANCHEZ CAVALERO<sup>6</sup>

LETÍCIA LACERDA BRANDÃO<sup>7</sup>

LEANDRA ROSIQUE LARA<sup>8</sup>

EDUARDA VIEIRA SANTOS<sup>2</sup>

ISABELA VIEIRA DOS SANTOS<sup>2</sup>

MARIA CLARA OLIVEIRA PADILHA DINIZ<sup>9</sup>

ROBERTO CARLOS FERREIRA FILHO<sup>2</sup>

RODRIGO DANIEL ZANONI<sup>10</sup>

<sup>1</sup>Discente – Medicina no Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES), Goiás

<sup>2</sup>Discente – Medicina na Universidade de Rio Verde (UniRV), Goiás

<sup>3</sup>Discente – Medicina na Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo

<sup>4</sup>Discente – Médico formado pela Universidade de Rio Verde, residente na área de cirúrgica básica, pela Santa Casa de Misericórdia de Goiânia (SCMGO), Goiás

<sup>5</sup>Discente – Medicina na Universidade de Uberaba (UNIUBE), Minas Gerais

<sup>6</sup>Discente – Medicina na Faculdade Ceres (FACERES), São Paulo

<sup>7</sup>Discente – Medicina no Instituto Master de Ensino Presidente Antônio Carlos (IMEPAC), Minas Gerais

<sup>8</sup>Discente – Medicina no Centro Universitário Alfredo Nasser (UNIFAN), Goiás

<sup>9</sup>Discente – Medicina no Centro Universitário de João Pessoa (UNIFE), Paraíba

<sup>10</sup>Discente – Médico graduado em Medicina pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), pós-graduado em Dermatologia e pós-graduado em Cirurgia Dermatológica pelo Instituto BWS

**Palavras Chave:** Cistite; Pós-coito; Micção.

## INTRODUÇÃO

A cistite é uma das formas mais comuns de infecção do trato urinário (ITU) e é causada principalmente pela bactéria *Escherichia coli* (*E. coli*) (HOOTON, 2012). A infecção pós-coito é uma condição comum em mulheres sexualmente ativas e está relacionada ao aumento do risco de desenvolver cistite. Por conseguinte, esta infecção ocorre quando a atividade sexual introduz bactérias na uretra feminina e facilita sua entrada na bexiga, aumentando o risco de cistite (NICOLLE, 2014).

Nessa perspectiva, observa-se que um dos principais sintomas da cistite é a micção frequente, que está diretamente relacionada à inflamação do trato urinário inferior (HOOTON, 2012). Desse modo, a inflamação causada na bexiga, leva a uma necessidade frequente de urinar, mesmo que a quantidade de urina produzida seja pequena. Além da micção frequente, outros sintomas da cistite incluem dor ou ardor ao urinar, urina turva ou com mau cheiro, dor na região pélvica e febre.

Em continuidade, entende-se que a maior suscetibilidade à infecção no sexo feminino é atribuída a características anatômicas peculiares, tais como a uretra mais curta e sua proximidade com a vagina e ânus (HOOTON, 2000 apud LOPES & TAVARES, 2005). Ademais, outros fatores que aumentam o risco de infecção do trato urinário em mulheres incluem: história prévia de cistite, atividade sexual, uso de certos espermicidas, gravidez e multiparidade, *diabetes mellitus* – exclusivamente no sexo feminino – e higiene precária, que é mais frequente em indivíduos com piores condições socioeconômicas e obesidade.

Ademais, observa-se que estudos científicos sugerem uma forte relação entre a cistite feminina e a micção, especialmente a micção frequente. Assim, constata-se que a micção

frequente é um dos principais sintomas da cistite e pode ser um fator de risco para a recorrência da infecção. Portanto, é importante que as mulheres que apresentam micção frequente e outros sintomas de ITU procurem atendimento médico para diagnóstico e tratamento adequado da cistite pós-coito.

O objetivo deste artigo científico é discutir a relação entre a infecção pós-coito, a cistite feminina e a micção frequente, com base em científicos já realizados sobre o assunto. Assim, este trabalho visa informar sobre os principais sintomas da cistite e as medidas de prevenção disponíveis para mulheres sexualmente ativas que apresentam maior risco de desenvolver infecção do trato urinário.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo realizado por meio de uma revisão integrativa da literatura, de natureza exploratória e qualitativa. Nesse viés, a busca foi conduzida nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed.

Desse modo, foram considerados os descritores “infecção do trato urinário”, “cistite” e “infecção pós-coito”, por serem terminologias comuns à pesquisa. Nesse viés, os critérios de inclusão dos artigos para análise foram: artigos publicados nos últimos 25 anos, disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, que abordavam a influência do pós-coito na cistite feminina. Ademais, esses artigos foram selecionados com base em sua relevância para a proposta desse trabalho.

Por conseguinte, como critério de exclusão, optou-se por excluir artigos que não estavam disponíveis na íntegra online ou que não tinham relação com a temática do presente estudo. Assim, após o levantamento de dados,

foram encontrados 17 artigos no *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), 21 artigos na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), 19 artigos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e 14 artigos no PubMed, totalizando 71 artigos. Em seguida, após a leitura e análise desses artigos, foram selecionados e explorados 09 artigos de acordo com sua relevância.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As infecções do trato urinário (ITUs) são caracterizadas pela presença e multiplicação de agentes infecciosos em qualquer parte do sistema urinário, seja pela colonização ou invasão. Essas acomodações podem ser classificadas em dois tipos: ITUs do trato urinário inferior (baixa) ou ITUs do trato urinário superior (alta) (FILHO & TELINI, 2018).

Assim sendo, as ITUs do trato urinário inferior ocorrem na bexiga e uretra, e podem se apresentar como bacteriúria assintomática (BA), em que há presença de bactérias na urina sem sintomas clínicos, ou como cistite, quando há sintomas clínicos acompanhados de resultados positivos na cultura de urina. Ademais, quando uma infecção atinge um dos rins, os sintomas se tornam mais intensos e são denominados pielonefrite, uma infecção do trato urinário alto (FILHO & TELINI, 2018).

Nesse viés, esta infecção do trato urinário inferior, conhecida como cistite, quando apresenta sintomas, manifesta-se clinicamente por meio de disúria (dificuldade ou dor ao urinar), urgência miccional (necessidade frequente e intensa de urinar), polaciúria (vontade de urinar com muita frequência, em pequenas quantidades), nictúria (aumento na frequência urinária durante a noite) e dor suprapúbica (dor na região abdominal inferior). Além disso, a febre geralmente não é um sintoma comum

nesse caso (HOOTON, 1997 apud LOPES & TAVARES, 2005).

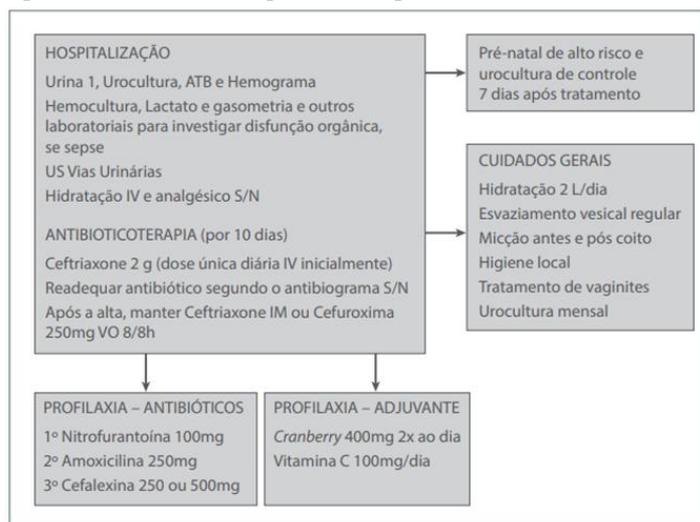
Por conseguinte, ao obter o histórico médico do paciente, é relevante considerar episódios prévios de sintomas semelhantes como cistite. Assim, deve-se compreender que a análise visual da urina também pode fornecer informações valiosas, como a aparência turva (indicando a presença de piúria) e/ou cores avermelhadas (indicando a presença de sangue na urina) (HOOTON, 1997 apud LOPES & TAVARES, 2005).

Para prevenir a infecção pós-coito e a cistite, recomenda-se adotar medidas de higiene e cuidado pessoal. Entre essas medidas, está o ato de urinar antes e depois da relação sexual, que ajuda a eliminar as bactérias que podem ter sido estimuladas na uretra durante a atividade sexual (HOOTON, 2012). Além disso, é importante limpar cuidadosamente a área genital antes e depois do ato sexual, evitar o uso de duchas vaginais e usar roupas íntimas de algodão (SCHNEEBERGER *et al.*, 2012). Ademais, a ingestão adequada de líquidos também pode ajudar a prevenir a infecção do trato urinário (HOOTON, 2012).

Assim sendo, caso apresentem sintomas de infecção do trato urinário, é importante que as mulheres procurem atendimento médico para um diagnóstico adequado e tratamento eficaz. Nesse viés, o tratamento pode incluir o uso de antibióticos para combater uma infecção (SCHNEEBERGER *et al.*, 2012).

O fluxograma abaixo (**Figura 5.1**) reproduz as sugestões de conduta e tratamento para as infecções sintomáticas do trato urinário, que devem ser seguidas de acordo com o quadro e especificidades do caso clínico da paciente; além de levar em consideração os estudos epidemiológicos da microbiologia local para definir a ordem de escolha das medicações.

**Figura 5.1** Abordagem terapêutica de cistites complicadas ou pielonefrite



**Fonte:** FILHO & TELINI, 2018.

De acordo com diversos estudos científicos, é importante cuidar da cistite feminina pós-coito, pois ela pode causar complicações e impactar a qualidade de vida das mulheres. Ademais, é sabido que a cistite pós-coito é uma infecção comum do trato urinário que pode levar a sintomas incômodos, como dor ou queimação ao urinar, micção frequente e urgência. Além disso, a cistite pós-coito pode ser um fator de risco para a recorrência da infecção, o que pode levar a um aumento na frequência e na gravidade dos sintomas.

## CONCLUSÃO

Um estudo publicado na revista *Urology* em 2022 avaliou a relação entre a cistite recorrente e a qualidade de vida em mulheres. Os resultados demonstraram que as mulheres com cistite recorrente apresentaram uma piora significativa na qualidade de vida em relação a mulheres sem infecção. Além disso, a cistite recorrente foi associada a um maior impacto negativo na vida sexual das mulheres grávidas (CAI, LANZAFAME & TASCINI, 2022).

Além das consequências para a qualidade de vida, a cistite pós-coito pode causar complicações mais graves, como pielonefrite (in-

fecção renal) e sepse (infecção generalizada). Uma tese de doutorado da Universidade de São Paulo (USP) publicada em 2014 avaliou a relação entre a cistite não tratada e a pielonefrite em mulheres. Logo, os resultados apontaram que a falta de tratamento adequado para a cistite aumentou o risco de desenvolvimento de pielonefrite (HISANO, 2014).

Portanto, é importante que as mulheres que apresentem sintomas de cistite pós-coito procurem atendimento médico para diagnóstico e tratamento adequado da infecção. O tratamento precoce pode prevenir complicações graves e melhorar a qualidade de vida das mulheres.

Em conclusão, a infecção pós-coito e a cistite estão intimamente relacionadas em mulheres sexualmente ativas. A micção frequente é um dos principais sintomas da cistite e está diretamente relacionada à inflamação do trato urinário inferior. Assim sendo, entende-se que medidas de higiene e cuidado pessoal podem ajudar a prevenir uma infecção pós-coito e a cistite, logo é importante procurar atendimento médico caso apresentem sintomas para um tratamento adequado (HOOTON, 1997 apud LOPES & TAVARES, 2005).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAI, T.; LANZAFAME, M. & TASCINI, C. Recurrent UTI: Questions and Answers on Clinical Practice. *Uro*, v. 2, n. 4, p. 262, 2022.

FILHO, O.O. S. & TELINI, A. H. S. Infecções do trato urinário durante a gravidez. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO). Protocolo FEBRASGO - Obstetrícia, n. 87/ Comissão Nacional Especializada em Gestação de Alto Risco, 2018.

HISANO, M. Análise comparativa dos achados clínicos e laboratoriais das infecções não complicadas do trato urinário em mulheres [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Programa de Urologia. São Paulo, 2014.

HOOTON, T.M. Prática clínica. Infecção urinária não complicada. *New England Journal of Medicine*, v. 366, n. 11, p. 1028, 2012.

LOPES, H. V. & TAVARES, W. Diagnóstico das infecções do trato urinário. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 51, n. 6, p. 306, nov. 2005.

NICOLLE, L.E. Infecções do trato urinário em populações especiais: diabetes, transplante renal, infecção por HIV e lesão medular. *Clínicas de Doenças Infecciosas*, v. 28, n. 1, p. 91, 2014.

SCHNEEBERGER C. *et al.* Interventions for preventing recurrent urinary tract infection during pregnancy. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 7, 2015.